

Introdução

Peirce “pensava através de diagramas visuais” (KENT 1987; CP 4.544, 4.571; NEM 4: 375).¹ Em suas próprias palavras, “Não é um fato histórico que o melhor raciocínio tenha sido feito por palavras, ou imagens aurais. Ele tem sido conduzido por imagens visuais e imaginações musculares. No pensamento de melhor tipo, um experimento imaginário é conduzido” (NEM 4: 375).

Este livro é sobre o tratamento diagramático da teoria do signo de Peirce, mais especificamente sobre uma importante seção de sua Gramática Especulativa. Como representar, por meio de modelos geométricos, diagramáticos, gráficos ou topológicos, o padrão ou arranjo de relações que constitui a semiose (ação do signo), o signo, as classes e classificações de signos, é uma questão cujo tratamento recorrente, por especialistas na obra de Peirce, sugere a medida de sua importância. Para Ransdell (1983: 16), “podemos argumentar que uma descrição verbal do processo da semiose apela, sempre, para sua inteligibilidade, para uma esquematização gráfica”. Muitos autores propuseram diferentes “esquemas gráficos” para representar a semiose e as classificações de signos. Estes modelos podem ser considerados “construções hipotéticas usadas para entender e prever como um sistema de relações deve funcionar” (SPINKS 1991: 445).

O problema é que, embora Peirce tenha conferido um *status* especial a métodos diagramáticos, que ele associa a formas abduativas de inferência (CP 4.571; PAAVOLA 2011), ele não desenvolveu sistematicamente modelos diagramáticos da semiose e das classificações de signos. O resultado é que, entre os especialistas, há uma grande variedade de abordagens, em geral muito desconectadas. Entre os diversos modelos conhecidos, podemos mencionar aqueles desenvolvidos por Savan (1987-1988), Jappy (1989: 147), Delledalle (1990), Deely (1990), De Tienne (1992), Pape (1993), Chauvire (1995), Merrell (1997: 13), Parker (1998), Johansen (1999), Balat (2000: 71). A primeira pergunta que se pode fazer é se estes modelos tratam diferen-

- 1 Ao longo deste trabalho, as seguintes abreviaturas são utilizadas para facilitar a referência à obra de Peirce:
CP: *The Collected Papers of Charles S. Peirce* (PEIRCE 1994).
EP: *The Essential Peirce: selected philosophical writings* (PEIRCE 1998).
L: cartas datadas segundo o *Annotated catalogue of the papers of Charles S. Peirce* (ROBIN 1967).
MS: manuscritos datados segundo o *Annotated catalogue of the papers of Charles S. Peirce* (ROBIN 1967).
NEM: *New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce* (PEIRCE 1976).
SS: *Semiotics and Significs: the correspondence between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby* (PEIRCE 1977).
W: *Writings of Charles S. Peirce - a chronological edition* (PEIRCE 1982-2000).

tes fenômenos ou se são representações alternativas, que descrevem aspectos complementares de um mesmo fenômeno, para diversos propósitos. Neste último caso, seria importante que estivessem relacionados, mas o fato é que não estão.

Um modelo pode ser definido como uma “representação de um sistema por outro sistema, usualmente mais familiar, cujo funcionamento é suposto ser análogo ao primeiro” (BLACKBURN 1996: 246). Toda modelização envolve uma idealização, simplificação, abstração e sistematização de um fenômeno (WEINERT 1999: 305). Modelos podem ser estruturas de diversos tipos, algébricos ou topológicos, mas muitos autores têm sugerido diversas distinções, tais como entre modelos conceituais e práticos; modelos icônicos, teóricos e simulações; modelos funcionais, de estrutura, analógicos, em escala (FRIEG; HARTMANN 2006). Este livro toma, seriamente, em consideração o desenvolvimento de modelos gráficos da semiose e das classificações de signos de Peirce. São tais modelos que permitem uma descrição pormenorizada das diversas relações entre os termos que constituem a semiose e das classes que constituem as classificações.

A base mais teórica deste trabalho encontra-se na Parte I. O capítulo I.1 apresenta os principais tópicos da teoria do signo necessários para a compreensão dos capítulos posteriores: as categorias peirceanas, as tricotomias e as divisões dos signos em 10, 28 e 66 classes que resultam da aplicação das categorias e tricotomias. O capítulo I.2 concentra-se no conceito de “diagrama”, onde ele é apresentado como um tipo de hipóicone. O capítulo I.3 introduz o “programa de pesquisa” *visualização de signos*, para o qual discutimos uma metodologia e fornecemos exemplos de aplicação.

A parte II introduz e discute diversos modelos para as classes de signos, iniciando com uma análise dos diagramas elaborados por Peirce para as dez classes: o diagrama do “Syllabus” de 1903 (MS 540: 17, CP 2.264, EP 2: 296) e da carta para Lady Welby (L 463: 146, CP 8.376, EP 2: 491). O capítulo II.2 apresenta os diagramas desenvolvidos por diversos autores. A primeira seção deste capítulo exhibe diversos diagramas para as 10 classes, como os de Balat (1990: 81, 85) e de Merrell (1991, 1997). A segunda seção apresenta os modelos que podem ser aplicados a diversas classificações, sugeridos por Marty (1990) e Maróstica (1992). O último capítulo da parte II indica algumas limitações dos diagramas apresentados e propõe estratégias que podem ser empregadas para a construção de novos diagramas: a utilização de cores, a incorporação de uma ter-

ceira dimensão espacial e o aproveitamento de recursos dinâmicos como movimento e interatividade.

As duas últimas seções do capítulo 2.3 mostram como algumas das estratégias discutidas nas seções anteriores podem ser empregadas na construção de diagramas. A seção II.3.4 apresenta o *10cubes*, um aplicativo cujo objetivo é modelar de forma dinâmica as relações previstas nas 10 classes proposta no “Syllabus”, em 1903. Trata-se de um modelo tridimensional e interativo. A seção II.3.4.5 apresenta *3N3*, um *software* para construção de diagramas estruturalmente equivalentes para diferentes classificações – 10, 28, 66 ou outro número de classes compatível com o modelo peirceano. Esta seção exhibe alguns experimentos e avalia seus resultados.

